

**Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello  
Rodrigues: Ausências e apagamentos  
na historiografia feminina negra e a  
prática editorial nos anos 1970-1980**

**Lariane Casagrande (UFPR, Brasil)**

larianecasagrande@gmail.com

**Ronaldo de Oliveira Corrêa (UFPR, Brasil)**

olive.ronaldo@gmail.com

## **Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues: Ausências e apagamentos na historiografia feminina negra e a prática editorial nos anos 1970-1980**

**Resumo:** Neste artigo, apresentamos as trajetórias de Nair Theodora Araújo (1931-1984), fundadora da Livraria Contexto (São Paulo SP, 1972-2018), e Maria Mazarello Rodrigues (1941), fundadora da Mazza Edições (Belo Horizonte MG, 1981), a fim de entrar em contato com a participação feminina negra na prática editorial nos anos 1970-1980. Para tanto, utilizamos como procedimento de coleta de dados a revisão assistemática de literatura, com aporte teórico principal de Beatriz Nascimento (1985), Joan Scott (1986), Teresa de Lauretis (1994), e Lélia Gonzalez (2020). Apresentamos, a partir da estratégia de descrição dos dois percursos, a reflexão sobre as ausências e apagamentos relacionados aos marcadores de gênero, raça e classe, em práticas historiográficas de design. Em específico, abordamos o universo editorial, com fundação feminina negra, dedicada à circulação de literatura e visualidade produzida e editada por pessoas negras.

**Palavras-chave:** Mulheres negras e Design; Editoras negras; História do design; Trajetórias biográficas.

## **Nair Theodora Araújo and Maria Mazarello Rodrigues: Absences and erasures in black female historiography and editorial practice in the 1970s-1980s**

**Abstract:** *In this article, we present the trajectories of Nair Theodora Araújo (1931-1984), founder of the Livraria Contexto (São Paulo SP, 1972-2018), and Maria Mazarello Rodrigues (1941), founder of the Mazza Editions (Belo Horizonte MG, 1981), in order to get in touch with black female participation in editorial practice in the 1970s-1980s. To this end, we used an unsystematic literature review as a data collection procedure, with the main theoretical contribution from Beatriz Nascimento (1985), Joan Scott (1986), Teresa de Lauretis (1994), and Lélia Gonzalez (2020). We present, based on the description strategy of the two paths, the reflection on the absences and erasures related to markers of gender, race and class, in historiographical design practices. Specifically, we approach the editorial universe, with a black female foundation, dedicated to a circulation of literature and visuality produced and edited by black people.*

**Keywords:** *Black Women and Design; Black publishers; Design history; Biographical trajectories.*

## 1. Introdução

A inquietação ocasionada pela semelhança das trajetórias de Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues, fundadoras de editoras negras (Livraria Contexto e Mazza Edições) nos anos 1970-1980, provocou uma reflexão que deu início a este texto. Tratam-se de mulheres negras, advindas de contextos de subalternidade social, que acessaram a educação formal, e se dedicaram a viabilizar o acesso e a circulação de narrativas, visuais e verbais, produzidas e editadas por pessoas negras.

Tomamos conhecimento das histórias dessas duas mulheres enquanto nos dedicávamos à primeira fase de mapeamento de editoras e livrarias negras brasileiras <sup>1</sup>. Entendemos tal mapeamento como requisito, para viabilidade da pesquisa sobre as visualidades produzidas por negros e negras em livros ilustrados. Na ocasião, deparamo-nos com a ausência de ilustradores e ilustradoras, negros e negras, nas categorias ilustração e ilustração infantil ou juvenil do Prêmio Jabuti <sup>2</sup>, no período entre os anos de 1959 e 2022. De um total de 111 obras premiadas, 12 apresentam temáticas étnico/raciais e/ou pessoas negras em visualidades. No entanto, apenas um livro correspondia a uma autora negra, Bianca Santana <sup>3</sup>, que escreveu “Quando me descobri

- 1 Editoras e livrarias negras, são aquelas que se autointitulam desta maneira, demarcando a fundação/propriedade negra, bem como, a ênfase para a editoração e circulação de obras de autores e autoras negros e negras.
- 2 O Prêmio Jabuti é um patrimônio cultural e referência entre os prêmios literários do país. Desde 1958, ele busca ampliar os feitos da indústria editorial e o alcance da cultura literária nacional. Por meio dos eixos: Literatura, Não Ficção, Produção Editorial e Inovação, distinguindo obras e autores/autoras (JABUTI prêmio. O Jabuti. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/jabuti/>. Acesso em: 02/2024).
- 3 Bianca Santana (São Paulo, 1984) é Doutora em Ciência da Informação pela ECA-USP (2020), com a tese “A escrita de si de mulheres negras: memória e resistência ao racismo”, que recebeu o Prêmio Tese Destaque USP- 10 Edição. Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo. Ela foi colunista das revistas ECOA-UOL, Gama e Cult. É associada da SOF-Sempreviva Organização Feminista e compõe os conselhos da Artigo 19 Brasil, Casa do Povo e Oxfam Brasil e dos institutos Marielle Franco e Vladimir Herzog. Diretora executiva da Casa Sueli Carneiro. Colabora com a articulação da Coalizão Negra Por Direitos. Comentarista do Jornal da Cultura. Professora da pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas. Em 2022 e 2023 compõe o Comitê de Revisão de Subsídios do Fundo Feminista Negra (CNPQ. Bianca Maria Santana de Brito. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9402633415535606>. Acesso em 02/2024).

negra”<sup>4</sup>, em 2016, ilustrado por Mateu Velasco<sup>5</sup>, um ilustrador branco. O único ilustrador negro premiado na categoria ilustração infantil ou juvenil, pelo Prêmio Jabuti, foi Rui de Oliveira<sup>6</sup>, com “Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem”<sup>7</sup>, de 2003.

Diante destas ausências, iniciamos o mapeamento de editoras e livrarias negras<sup>8</sup>, o qual resultou em 17 estabelecimentos, com sedes em João Pessoa,

- 4 “Tenho 30 anos, mas sou negra há dez. Antes, era morena.” É com essa afirmação que Bianca Santana inicia uma série de relatos sobre experiências pessoais ou ouvidas de outras mulheres e homens negros. Com uma escrita ágil e visceral, denuncia com lucidez – e sem as armadilhas do discurso do ódio – nosso racismo velado de cada dia, bem brasileiro, de alisamentos no cabelo, opressão policial e profissões subjugadas. Quando me descobri negra fala com sutileza e firmeza de um processo de descoberta inicialmente doloroso e depois libertador. Bianca Santana, através da experiência de si, consegue desvelar um processo contínuo de rompimento de imposições sobre a negritude, de desconstrução de muros colocados à força que impedem um olhar positivo sobre si. Caminhos que aos poucos revelam novas camadas, de um ser ressignificado. Bianca, ao falar de si, fala de nós.” – Djamilia Ribeiro colunista da Carta Capital, pesquisadora na área de filosofia política e feminista (SANTANA, Bianca. Quando me descobri negra. Fósforo, 2023. SESI-SP, 2015).
- 5 Mateu Velasco (Rio de Janeiro, 1980) é formado em Desenho Industrial pela PUC-Rio desde 2003, e mestre em Design Gráfico pela mesma universidade. Ele é professor no departamento de Artes e Design da PUC-Rio, representado pela Galeria Movimento Arte Contemporânea desde 2008 e artista residente da Casa Voa. Pinta murais públicos desde os anos 2000, que podem ser encontrados em muros e galerias de São Paulo, Rio de Janeiro, Los Angeles, Nova York, Paris e Milão, entre outras cidades pelo mundo (VELASCO, Mateu. Sobre. Disponível em: <https://mateuvelasco.com.br/sobre/>. Acesso em 02/2024).
- 6 Rui de Oliveira (Rio de Janeiro, 1942) é um premiado autor, ilustrador e animador brasileiro. Professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde lecionou durante 30 anos no curso de Comunicação Visual Design da Escola de Belas Artes. Foi Diretor de Arte da TV-Globo e da TV-Educativa atual TV-Brasil. Entre suas aberturas e vinhetas destacam-se as criadas para a primeira versão da novela Sítio do Pica-Pau Amarelo e a reformulação do vídeo-grafismo da TV-E (OLIVEIRA, Rui de. Biografia. Disponível em: <https://ruioliveira.com.br/br/bio/>. Acesso em: 12/2023).
- 7 Em *Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem*, Rui de Oliveira faz uma homenagem aos grandes livros ilustrados da história, mergulhando no imaginário dos contos de fadas e narra quatro histórias por meio de ilustrações. Dois irmãos perdidos na floresta se deparam com uma casa feita de doces. Uma menina de capuz vermelho encontra um lobo assustador. Uma mulher descobre segredos sombrios de seu marido. Uma jovem cai em um sono profundo por causa da maldição de uma fada (OLIVEIRA, Rui de. *Chapeuzinho vermelho e outros contos por imagem*. Companhia das Letrinhas: 2003).
- 8 Tal mapeamento se deu pela busca via internet no primeiro semestre de 2024, usando as palavras-chave: editora negra/livraria negra, somadas aos nomes dos estados, e em seguida aos nomes das capitais do Brasil. Posteriormente acessamos os sites oficiais de cada estabelecimento, notícias jornalísticas, entrevistas e artigos científicos, a fim de confirmar

Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba, tendo a fundação majoritariamente feminina. Dos 17 estabelecimentos catalogados, 12 foram fundados por mulheres, e 2 foram fundados por homens. Sobre os 3 estabelecimentos restantes, não tivemos acesso a tais dados de fundação até a escrita deste texto. Sendo a Livraria Contexto, de 1972, e a Mazza Edições, de 1981, as editoras negras com fundações mais antigas.

Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues foram pioneiras, em um período em que se discutia a redemocratização do país, já nos anos finais da ditadura militar. Assim, elas viabilizaram a veiculação de discursos silenciados, por meio da mediação entre autores, obras e público. Graça Lima (2009) ressalta que este período foi marcado por perseguições e punições aos grupos que eram identificados como inimigos ou dissidentes do regime militar, ao mesmo tempo que caracterizou grande incentivo à produção das pessoas resistentes a ele. Os investimentos do governo em transporte, comunicação e medidas de viabilização de subsídios financeiros, reduziram impostos e taxas de importação, solucionando problemas básicos de empresas gráficas e de papel, gerando lucro para o setor livreiro. O que marcou grande desenvolvimento, inclusive para a literatura infantil brasileira, sobretudo a partir da década de 1970.

Para além das semelhanças encontradas nos dois percursos, a proposta de analisar estes dois casos argumenta que houve outras histórias não contadas fora da história canônica, no design e fora dele. Narrativas construídas com luta, sangue, mortes prematuras, trabalhos degradantes, experiências de humilhação racial e de gênero, que foram e são sistematicamente apagadas da produção acadêmica da disciplina. Não é o caso de pensar sobre as assimetrias em torno das documentações da vida e do trabalho dessas mulheres, mas de estabelecer um quadro de leitura por meio dos marcadores de gênero, raça e classe, para compreender os contextos e as disputas relacionadas à ausência de documentação e ao apagamento histórico.

Para estabelecer a primeira aproximação com a reconstituição dessas trajetórias, utilizamos principalmente os esforços de pesquisa de Silva (2024) e Gomes (2016), que, por sua vez, procederam a entrevistas com interlocutores das histórias e análises de fontes secundárias, como a pesquisa em jornais. Por meio de um primeiro levantamento que realizamos em bancos de teses, dissertações e artigos, constatamos a ausência de estudos sobre as duas mulheres negras de que tratamos. Os bancos de teses que acessamos

a auto intitulação de editora/livraria negra, bem como, catalogar dados de contato como: ano de fundação, nome do fundador/fundadora, e-mail, telefone, redes sociais, e endereço da sede, quando há.

foram: Banco de Teses Capes e Periódicos Capes. As buscas se deram a partir dos descritores Nair Theodora Araújo (1931-1984) (4 resultados), e Maria Mazarello Rodrigues (1941) (48 resultados). Os estudos aqui utilizados apresentam elementos relacionados às trajetórias de vida dessas duas mulheres, e não apenas de suas editoras, como é o caso da maioria dos resultados encontrados para Maria Mazarello, ligados exclusivamente à Mazza Edições.

Para dar suporte à reflexão, ressaltamos nossa filiação ao pensamento de Beatriz Nascimento (1985), com destaque para sua formulação a respeito do *quilombo enquanto resistência cultural*, Joan Scott (1986) e a ideia de *gênero enquanto categoria histórica*, Teresa de Lauretis (1994) em sua formulação a respeito da *história fora de quadro*, e Lélia Gonzalez (2020), a partir do *feminismo afro-latino-americano*.

## 2. Delimitadores teóricos para constituição de uma lente

De acordo com Silva (2024), pesquisas sobre a história da circulação de livros de autoria negra no Brasil são escassas <sup>9</sup>. Obras de referência sobre a história do livro, da circulação de livros no Brasil, ou mesmo do circuito denominado “independente”, de editoras e livraria, não registram algo específico sobre essa esfera de circulação, ou eventualmente tangenciam essa história. Mesmo entre trabalhos que estudam movimentos negros, literatura negra, empresariado negro ou ativismo cultural negro no Brasil <sup>10</sup>, há pouco escrito a respeito.

Nesse sentido, filiamo-nos à “Teoria da bolsa de ficção” de Ursula K. Le Guin (2021), para pensar uma mudança de perspectiva na visão recorrente nas histórias dominantes. Ao contrapor o artefato cesto ao símbolo fálico da lança, como o primeiro dispositivo cultural criado pelo ser humano, ao contrário do que as histórias de dominação e violência contam e recontam

9 São referências para a história da circulação de livros de autoria negra no Brasil as pesquisas de: HALLEWELL, Laurence. (2005), *O Livro no Brasil: Sua História*. 2. ed. São Paulo, Edusp. MUNIZ JR., José de S. (2016), *Girafas e Bonsais: Editoras “Independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. SILVA, Gleicy Mailly da. (2017), *Empreendimentos Sociais, Negócios Culturais: Uma Etnografia das Relações entre Economia e Política a partir da Feira Preta em São Paulo*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

10 São referências: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar A. (2007), *Histórias do Movimento Negro no Brasil: Depoimentos ao CPDoc*. Rio de Janeiro, Pallas. RIOS, Flávia. (2014), *Elite Política Negra no Brasil*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. JAIME, Pedro. (2016), *Executivos Negros: Racismo e Diversidade no Mundo Empresarial*. São Paulo, Edusp. DOMINGUES, Petrônio. (2018), “Em Defesa da Humanidade: A Associação Cultural do Negro”.

triunfantemente, é possível vislumbrar outras possibilidades de pensar e fazer história. Como é o caso de coletar histórias de lutas pelo direito a voz, escuta e visibilidade de textos literários produzidos por pessoas negras, que não fazem parte da história canônica, por estarem situados no cerne da contestação dos modelos instituídos.

Beatriz Nascimento (1985) propõe a ideia de quilombo como estratégia de resistência e inclusão, ressaltando-o como potentes sociedades organizadas e autossuficientes que geraram enorme risco ao sistema colonial da época escravocrata, subvertendo o sistema que dominava toda a atividade produtiva brasileira, por meio do encontro de grupos de etnias comuns compartilhando um espaço territorial, e votados para um tipo de economia. Essa lógica abre a possibilidade de pensar o mecanismo do quilombo enquanto tecnologia que, no passado, possibilitou a sobrevivência de pessoas, identidade e culturas negras, e hoje, considerando a continuidade do ato de se aquilombar, como dispositivo tecnológico de resistência.

Aquilombar-se seria, na prática, o que Nair Araújo e Maria Mazarello fizeram, ao se dedicarem à circulação de literatura e visualidade produzida e editada por pessoas negras, diante do cenário de impossibilidades de acesso a essa população. Ao se afirmarem como fundadoras de editoras negras, buscarem e acolherem autores e ilustradores negros e negras, bem como, temáticas que propõem a projeção de vozes de autores e autoras negros e negras, a partir de suas próprias experiências, essas mulheres ativaram a estratégia de resistência e inclusão do quilombo. Elas produziram e compartilharam arte, informação e conhecimento, por meio de material literário, sobre, e especialmente, voltado para o leitor negro e a leitora negra, subvertendo a lógica dos modelos instituídos.

Aquilombar-se é também, o que este texto propõe, ao deslocar o olhar para uma existência fora de quadro, juntamente com Joan Scott (1986), Teresa de Lauretis (1994) e Lélia Gonzales (2020), entendendo gênero enquanto uma categoria de análise histórica, no design, e em uma perspectiva feminista e racializada.

Scott (1986) fundamenta gênero enquanto uma categoria de análise histórica, propondo-o como elemento constitutivo das relações sociais fundadas na produção da diferença, bem como uma maneira inicial de significar as relações de poder. O que faz dela uma categoria útil, para questionar a construção social das diferenças entre homens e mulheres, visando ampliar narrativas históricas, deslocando-as também da universalidade.

Já Lauretis (1994) compreende o gênero também por meio de múltiplos sistemas interligados, como as relações de trabalho, de classe, de raça/etnia, sexo-gênero etc., que situam os indivíduos em uma configuração variável

de posicionalidades, elaboradas por meio de discursos e representações. Propondo, com isto, um deslocamento da invisibilidade para uma existência fora de quadro, remetendo ao espaço fora da tela, da teoria do cinema. Ou, as histórias que não foram representadas, historizadas, documentadas, mas estão inferidas na representação<sup>11</sup>. Tal qual o espaço que faz parte da composição de uma cena, mas não é visível na tela (*space-off*), exemplo dado pela autora, e no caso desta pesquisa, as histórias e os trabalhos de mulheres que estão presentes de maneira implícita (LAURETIS, 1994). Ao observar estas duas trajetórias e encontrar alguns trabalhos sobre Maria Mazzarelo e Nair Araújo, é possível notar as ausências que os percursos evidenciam, pelas lacunas de documentação de suas trajetórias e de seus trabalhos.

Informada por estas duas teorias, o *gênero enquanto categoria histórica* (JOAN SCOTT, 1986) e a *história fora de quadro* (LAURETIS, 1994), Ana Julia Melo Almeida (2023) ressalta que tanto a prática de design quanto a narrativa histórica se estruturaram a partir de mecanismos e critérios de seleção, que evidenciam determinadas pessoas e certos objetos, provenientes de determinados lugares e excluem inúmeras outras correlações possíveis:

Se o projeto em design está inserido em um processo cultural, coletivo e contínuo, passível de ser alterado conforme o contexto político, econômico e social, então, seus artefatos, suas práticas e a própria historiografia devem ser analisados e postos em relação. Nesse processo, o gênero desempenha um papel central para a compreensão dessas dinâmicas (ALMEIDA, 2023, p139-140).

Como continuidade desse pensamento, acionamos a formulação de Gonzalez (2020), para pensar as questões de gênero, raça e classe enquanto categorias indissociáveis. Sendo, por isso, os marcadores que constituem o quadro de análise deste texto:

[...] para nós, africanas do Brasil e de outros países da região- assim como para ameríndias – a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer coisa, pela racial. Exploração de classe e discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum de homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada (GONZALEZ, 2020, p.18).

11 A representação para Teresa de Lauretis não apenas reflete identidades preexistentes, mas também as constroem ativamente. Destacando a importância de analisar as formas como filmes, por exemplo, moldam e desafiam as noções dominantes de masculinidade e feminilidade, assim como de desejos e prazeres sexuais. Além disso, Lauretis enfatiza a necessidade de considerar as experiências subjetivas e as múltiplas formas de identificação ao examinar as representações culturais (Lauretis, 1994).

Dessa maneira, a raça é o primeiro marcador a ser acionado diante da lógica de opressão, privações e negação de direitos sofridos pela população brasileira, seguido da classe, e depois do gênero. Fazendo do homem negro aliado na luta comum do exercício de participação social digna e plena. Nesse sentido, muito do que se fala sobre transformações de vida e do papel das mulheres em todo mundo, bem como, da ascensão negra, está mais relacionado às conquistas que as mulheres negras ainda não atingiram devido ao interseccionamento de discriminações que sofrem. Por isso, coletar as histórias dessa população é também movimentar e pôr em relação a estrutura de privilégio e poder simbólico.

### **3. Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues**

Diante do cenário de escassez de pesquisas sobre a história da circulação de livros de autoria negra no Brasil, é possível entrar em contato com a história de Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues, por meio dos esforços de pesquisa de Camargo (1987), Silva (2024), e Gomes (2016)<sup>12</sup>.

Nair foi fundadora e proprietária da Livraria Contexto, nos anos 1970, em que obras de autores negros eram comercializadas. Nascida em Dores do Indaiá, Minas Gerais, Nair Araújo chegou a São Vicente, litoral de São Paulo, por volta de 1938, aos 7 anos de idade, com seu pai, José Teodoro Araújo, e as irmãs Nazir e Olinda, onde ficaram até meados de 1948. Já adulta, na capital paulista, sustentou-se como empregada doméstica, trabalhando entre outras, para a família judaica alemã Herz<sup>13</sup>, por volta de 1960. Inicialmente ela atuava nos afazeres da casa, mas logo passou a auxiliar Eva Herz na criação da Biblioteca Circulante<sup>14</sup> em São Paulo e, posteriormente, na Livraria Cultura (SILVA, 2024).

12 É importante citar também o trabalho de Marcia Cruz que escreveu “Maria Mazarello: preto no branco, lutas e livros” de 2022, a que não tivemos acesso até o momento de finalização deste artigo.

13 Eva e Kurt Herz, foi um casal de judeus alemães que veio ao Brasil em 1938, fugindo da Alemanha nazista. Eles se estabeleceram em São Paulo, onde Eva Herz passou a alugar livros e construiu, mais tarde, uma das maiores redes de livrarias do país (ARANHA, Carla. Pedro Herz, o vendedor de livros da Livraria Cultura. Exame: 2013. Disponível em: <https://exame.com/pme/o-vendedor-de-livros-da-livraria-cultura/> . Acesso em: 02/2024).

14 A Biblioteca Circulante foi uma casa de empréstimos de livros fundada pelos imigrantes judeus alemães, Eva e Curt Herz, em 1947, voltada fundamentalmente para o empréstimo de livros a imigrantes (Silva, 2024).

Nair Araújo, foi integrante da Associação Cultural do Negro <sup>15</sup> (1954-1956), do Teatro Experimental do Negro de São Paulo<sup>16</sup> (1945-1966), e formou um grupo de reflexão com intelectuais, artistas e escritores negros na casa da família Herz, no período em que trabalhou como empregada doméstica e funcionária de livraria, antes de abrir o próprio negócio. Tais dados corroboram com a ideia de Silva (2024) de que a história da circulação de livros de autoria negra no Brasil, está ligada à trajetória e projeto de sujeitos que possuem conexão com o ativismo político e cultural. Sendo por isso, a localização geográfica de editoras e livrarias negras, indícios de locais históricos do ativismo negro brasileiro.

Nascimento (1985) vai identificar esse tipo de agrupamento, como o grupo de reflexão no local de trabalho de Nair, enquanto um processo transformacional inegociável de condições materiais e simbólicas, o qual propulsiona politicamente a narrativa negra de forma estratégica. Apresentando-se como uma reconfiguração ontológica voltada à experiência negra, na qual aquilombar se equipara a reexistir.

O momento em que Nair Araújo começa a participar da Associação Cultural do Negro é impreciso, mas é o espaço em que entra em contato com a imigrante judia Dóris Volhard-Schierenberg<sup>17</sup>, que seria sua sócia na fundação de sua livraria, quando saiu da casa da família Herz, em 1971. A parceria é desfeita e Nair firma sociedade com Selma Erlich e Hinaldo

15 A Associação Cultural do Negro foi uma das principais associações de ativistas negros de São Paulo. Promoveu ações, jornais, livros e atos públicos com o objetivo de discutir o papel do negro na sociedade brasileira, buscando colocá-lo num lugar alternativo ao da subalternidade imposta pelo fim do regime escravocrata (UFSCAR, Coleção Associação Cultural do Negro. Disponível em: <https://www.ueim.ufscar.br/colecoes/colecao-associacao-cultural-do-negro>. Acesso em 12/2023).

16 O Teatro Experimental do Negro foi uma companhia teatral brasileira, fundada por Abdias do Nascimento, que atuou entre 1944 e 1961. Dentre as ambições artísticas e sociais do grupo, estava a exaltação/reconhecimento do legado cultural e humano do africano no Brasil, dada à inexistência de peças dramáticas que refletissem sobre a situação existencial do negro no Brasil. O corpo de atores era formado, inicialmente, por operários, empregados domésticos, moradores de favelas sem profissão definida e funcionários públicos (NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões*. In.: Estudos Avançados. Vol. 18. N.º 50. São Paulo: 2005, pp. 209-224. Teatro Experimental do Negro. In.: Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro>. Acesso em: 12/2023).

17 Dóris Volhard-Schierenberg (Alemanha, 1908-?) foi uma imigrante alemã nascida em Dortmund, que aportou ao Brasil em 1956, com as profissões de governanta, auxiliar de enfermagem e psicóloga infantil, residindo na rua Augusta, onde também foi a primeira sede da Biblioteca Circulante (Silva, 2024).

Beiker, ambos ligados ao departamento de antropologia da Universidade de São Paulo (USP). Erlich fez traduções de obras teóricas de antropologia social e Beiker foi docente, por alguns anos daquele departamento. “Minha mãe abriu a livraria porque ela tinha um nome na praça e eles a grana”, diz Martha Helena Araújo Ferreira, filha de Nair (SILVA, 2024, p.9).

A parceria teria durado cerca de 3 anos, quando surgiram problemas de zoneamento na Alameda Tietê, onde o estabelecimento se localizava, além de expectativas distintas sobre o lucro dos negócios. A próxima sede foi no bairro da Aclimação, na rua Pires da Mota, 884/886, onde se encontra até os dias atuais, com a continuidade do negócio pela filha Martha, após o falecimento da mãe, em 1984 (SILVA, 2024, p.9). O endereço continua associado à Livraria Contexto, mas com status de “temporariamente fechado” no período de escrita deste texto.

Também mineira, Maria Mazarello Rodrigues nasceu em Ponte Nova em 1941. Ela completou o ensino fundamental em escolas anexas dos colégios de irmãs salesianas<sup>18</sup>, resultado de obras sociais, voltadas à educação da população pobre. Na ocasião de sua transição para o antigo magistério, conta que a diretora da escola, sugeriu à sua mãe, que Mazarello entrasse para o colégio voltado à educação para a formação de domésticas, ao invés da formação para professoras, seu potencial destino profissional (GOMES, 2007).

Mazarello se mudou com a família, formada pela mãe, Amarílis (mais conhecida por Dona Penninha), lavadeira recém viúva, e nove irmãos, para Belo Horizonte, aos 13 anos de idade. Já na capital, ela trabalhou durante o dia como lavadeira, e continuou seus estudos no período noturno na Escola de Comércio, vislumbrando a formação em contabilidade, que traria a oportunidade para melhores condições à família. É na década de 1960, já formada, que Maria Mazarello passa a procurar incansavelmente por vagas de emprego como datilógrafa, ofício em que se considerava exímia. Sem sucesso, em seu último teste de emprego para datilógrafa, na gráfica do PABAE<sup>19</sup>, ofereceram-lhe a vaga para a limpeza. Mobilizada pelo ambiente, Mazarello aceita o emprego (GOMES, 2007).

18 Congregação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, fundada por São João Bosco e cofundada por Santa Maria Mazzarello, sendo um ramo feminino da família salesiana.

19 Programa de Assistência Brasileiro-Americano ao Ensino Elementar, em atividade de 1956 até 1964, fruto de convênio entre os governos dos Estados Unidos e de Minas Gerais, na época sob a secretaria de Abgar Renault (Minas Gerais, 1901-1995), Professor, educador, político, poeta, ensaísta e tradutor, de Barbacena, MG. Quinto ocupante da Cadeira 12, da Academia Brasileira de Letras. (ACADEMIA Brasileira de Letras. Abgar Renault. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault/biografia> . Acesso em 02/2024).

Mesmo apta a trabalhar como datilógrafa, almejando melhores condições de renda, Maria Mazarello se deparou com o cotidiano da mulher negra, que foi e é marcado, pela desvalorização e preconceito. Vestígios da atualização do período escravocrata, que posicionou a mulher negra, de acordo com Gonzalez (2020), aos papéis de “mulata doméstica” e “mãe preta”. Em ambas as situações, coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro.

*A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito quilombola não a deixa soçobrar (Gonzalez, 2020, p. 52).*

Apesar de começar “pela porta dos fundos”, em pouquíssimo tempo de trabalho na gráfica, Mazarello, aos 18 anos, aproximou-se da prática da produção de livros. Simultaneamente iniciou o curso de jornalismo na UFMG, onde entrou em contato com o estudo de artes gráficas. Ainda na gráfica, ela estabeleceu contatos importantes, como com a amiga Ana Lúcia Campanha Batista, (então secretária do PABAAE), com quem abriu, mais tarde, a Editora do Professor. Localizada na rua Batista Figueiredo, 16, no galinheiro do seu Jaime, pai de Ana Lúcia. Depois a Livraria do Estudante, esteve sediada no centro de Belo Horizonte, na Rua Tupis, 85, loja 7 (entre seus títulos destaca-se Pedro Pedreiro, de Chico Buarque). Trata-se de uma parceria que demarca uma relação de apoio entre mulheres, em trabalhos subalternos e em um espaço masculino.

A sociedade chegou ao fim, e Mazarello fundou, então, a Grafiquinha, que em 1978 se fundiu à Editora do Professor, assim como a um grupo de professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), representado pelo professor Ramayana Gazinelli<sup>20</sup> e pelo então reitor, Aluisio Pimenta

<sup>20</sup> Ramayana Gazzinelli (Minas Gerais, 1933) é um físico, pesquisador e professor universitário brasileiro. Comendador e grande oficial da Ordem Nacional do Mérito Científico, membro titular da Academia Brasileira de Ciências, e professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais. (ACADEMIA Brasileira de Ciências. Ramayana Gazzinelli. Disponível em: <http://www.abc.org.br/membro/ramayana-gazzinelli/> . Acesso em: 02/2024).

<sup>21</sup>. Também compôs a equipe Antonio Faria Lopes <sup>22</sup>, que era presidente do Sindicato dos Bancários na época, resultando na fundação da Editora Vega. Juntou-se ao grupo, posteriormente, Edgar Godoy da Mata Machado <sup>23</sup>, professor da Faculdade de Direito da UFMG. A Editora Vega, que operou até 1988, destinava-se a produzir materiais universitários, e abrigou pessoas perseguidas pela ditadura e que precisavam de emprego com carteira assinada para que não fossem novamente perseguidas com tanta insistência (GOMES, 2007).

No final da década de 1970, após o falecimento da mãe, Mazarello embarcou para a França, onde concluiu o mestrado em Editoração, pela Universidade Paris 13, fruto de bolsa obtida junto à Capes. Ao retornar, fundou sua Editora, a Mazza Edições, resultado de seu projeto de mestrado, com o compromisso de publicar obras referentes à cultura afro-brasileira. Nas palavras dela, a proposta era editar obras que assumissem “o ponto de vista enunciativo do colonizado, do que sofreu a chibata, ao invés de falar da história do ponto de vista do colonizador”. Dentre seus autores ilustres, esteve Conceição Evaristo, publicada pela primeira vez pela Mazza Edições.

21 Aluísio Pimenta (Minas Gerais, 1923 - 2016) foi um farmacêutico, educador, reitor da Universidade Federal de Minas Gerais e político brasileiro. Em 1964, aos 39 anos, tornou-se o reitor mais jovem da UFMG. Aluísio também foi presidente da Fundação João Pinheiro (1983-1985) e ministro da Cultura (1985-1986). (UFMG. Aluísio Pimenta: reitor em defesa da autonomia, da pesquisa e da assistência. Disponível em: <https://www.ufmg.br/90anos/aluisio-pimenta-reitor-em-defesa-da-autonomia-da-pesquisa-e-da-assistencia/>. Acesso em 02/2024).

22 Antonio Faria Lopes foi um político brasileiro do estado de Minas Gerais e professor de Ética e Legislação dos Meios de Comunicação na PUC/MG. Funcionário do Banco do Brasil, foi Presidente do Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte, de 1961, a março de 1964, quando, com base no AI-1, foi deposto da Presidência e demitido do Banco. Em 1979, com a anistia, foi reintegrado ao Banco do Brasil.

23 Edgar Godoy da Mata Machado (Minas Gerais, 1913-1993) foi um jornalista professor, jurista, filósofo e político brasileiro do estado de Minas Gerais. Participou, politicamente, da resistência ao Governo Vargas, nas décadas de 1930 e 40, e foi um dos signatários do manifesto dos mineiros, contra o Estado Novo. (AMORIM, E. “Edgar de Godói da Mata Machado”. In: MATA-MACHADO, E. G. Contribuição ao Personalismo Político. Belo Horizonte: Del Rey, 2000).

Maria Mazarello permanece à frente da Mazza Edições, que completa 42 anos de história. Em entrevista para o documentário “Por uma memória editorial”<sup>24</sup>, dirigido por Letícia Santana Gomes<sup>25</sup>, Mazarello diz:

*Eu acho que um bom editor, além de gostar de ler, gostar de livro, ele precisa ter o ‘feeling’. Ele tem que ter um compromisso, eu diria até que é quase como uma missão. Um bom editor, ele não publica qualquer coisa. Ele acerta e erra, porque a gente não tem bola de cristal. O dinheiro, na verdade, não pode estar num primeiro plano: ‘eu vou publicar isso aqui, porque isso aqui vai vender’. Eu acho que isso não é a visão de um bom editor (GOMES, 2007).*

Ao observar os percursos de Nair Araújo e Maria Mazarello, é importante ressaltar que apesar do contexto de subalternidade social, essas duas mulheres se inseriram em circuitos sociais que possibilitaram o autogerenciamento de suas experiências culturais de aquilombamento. Sendo o mapeamento das parcerias firmadas um caminho para trabalhar determinadas lacunas em suas trajetórias de vida e ofício.

Entre outros fatores, destacamos a geografia da zona central e oeste da metrópole paulista que conectou um circuito pequeno burguês judeu com o negro por meio do emprego doméstico e das atividades culturais, na trajetória de Nair, e o acesso à educação formal por meio de obras sociais religiosas e bolsas públicas de incentivo que auxiliaram Mazza a ascender socialmente e se conectar a intelectuais que aspiravam a democratização do país.

Ao deslocar o olhar das ausências para uma existência fora de quadro, por meio da dinâmica do que é visível e o que é oculto, fica evidente que

24 Em “Por uma memória editorial” Letícia Santana Gomes, propõe uma investigação dos editores e das editoras de vanguarda no estado de Minas Gerais. Mulheres precursoras em um cenário editorial independente foram entrevistadas e protagonistas para um acervo sobre profissionais da edição. São elas: Maria Mazarello Rodrigues, fundadora da Mazza Edições, primeira editora de registro de publicações afro-brasileiras e com forte atuação até hoje; Maria Antonieta Cunha, fundadora da primeira editora e livraria Miguilim, pioneira em publicações infantojuvenis; Sônia Junqueira, professora, escritora e editora que atuou em grandes editoras, sobretudo em livros didáticos.

25 Letícia Santana Gomes é doutora e Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde também se bacharelou em Letras (Tecnologias de Edição) como editora de livros e revisora de textos. Foi pesquisadora de Doutorado Sanduíche na Université Sorbonne Paris Nord. É também licenciada em Letras - Língua Portuguesa e com formação em Design Editorial. (CNPQ. Letícia Santana Gomes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1164316347490997> . Acesso em: 02/2024).

a experiência de aquilombamento ativado por essas duas mulheres. Cada uma a seu modo, foi essencial para que, apesar da limitada documentação, ou, em alguns casos, a falta de registro, suas histórias pudessem ser notadas e reconstruídas.

#### 4. Considerações

A dificuldade em acessar as duas trajetórias, de Nair Araújo e Maria Mazzelelo, está intimamente ligadas à prática editorial dos anos 1970-1980, e por consequência, à história do design no Brasil, o que reflete o universo de produções e existências que estão fora de quadro. Além de uma contribuição à documentação e análise, estas duas trajetórias abrem a reflexão sobre as ausências e apagamentos relacionados aos marcadores de gênero, raça e classe, explicitando de que maneira determinadas práticas, histórias e pessoas são apagadas da historiografia.

Quanto às trajetórias, chama atenção o protagonismo feminino negro, ligado aos movimentos políticos e sociais, e voltado a uma preocupação com a transmissão de conhecimento e sua circulação. Detemo-nos a este ponto, afinal as trajetórias de Nair Theodora Araújo e Maria Mazzelelo Rodrigues, indicam como se dá o papel do gênero na história da circulação de livros de autoria negra no Brasil, considerando o mapeamento de editoras negras e suas fundações majoritariamente femininas.

Ao parear e descrever estas duas trajetórias, é possível vislumbrar influências e padrões recorrentes, contribuindo para uma compreensão e contextualização de eventos históricos relacionados à circulação de livros no Brasil, dentro de um quadro mais amplo. Por meio da tecnologia de aquilombamento, essas mulheres permitiram o início da projeção das vozes de autores e autoras, negros e negras, no meio editorial. Sobretudo, construíram estratégias para operar a favor de transformações nas estruturas sociais.

Há, ainda, muitas perguntas a respeito das experiências dessas duas mulheres, bem como, da produção resultante de suas atuações. Até o momento de escrita deste texto, não acessamos uma fotografia ou retrato de Nair Araújo. Também não acessamos os acervos completos das publicações nas editoras do período de 1970-1980. De maneira que esses e outros temas são disparadores para pesquisas futuras

#### Referências

ALMEIDA, Ana Julia Melo. **Histórias fora de quadro: trajetórias de mulheres no campo do design**. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, pp. 135-154, jul./2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes>. Acesso em 12/2023.

CAMARGO, Oswaldo de. **O Negro Escrito: Apontamentos sobre a Presença do Negro na Literatura Brasileira**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1987.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia de Gênero. In HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE GUIN, Ursula K. **A teoria da bolsa de ficção**. São Paulo, N-1 edições, 2021. Disponível em: [https://www.academia.edu/44858388/A\\_Fic%C3%A7%C3%A3o\\_como\\_Cesta\\_Uma\\_Teoria\\_The\\_Carrier\\_Bag\\_Theory\\_of\\_Fiction\\_Ursula\\_K\\_Le\\_Guin](https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin) . Acesso em: 12/2023.

LIMA, Graça. **A ilustração no Brasil**. *Salto para o futuro– A arte de ilustrar livros para jovens e crianças*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 29-44, jun. 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. *Afrodíaspóra*, Rio de Janeiro, n 6/7, 1985.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Livrarias negras no sudeste brasileiro 1972-2018**. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, pp. 1-37, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/RdZJYXTMkKFHjNcbSPjyVth/>. Acesso em 12/2023.

SCOTT, J. W. *Gender: A Useful Category of Historical Analysis*. *The American Historical Review*, vol. 91, n. 5, 1986, p. 1053-1075.

GOMES, Letícia Santana. **Os Editores de livros em Belo Horizonte: um olhar discursivo e autobiográfico a partir do documentário Por uma memória editorial**. Belo Horizonte, Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/42682765/OS\\_EDITORES\\_DE\\_LIVROS\\_EM\\_BELO\\_HORIZONTE\\_um\\_olhar\\_discursivo\\_e\\_autobiogr%C3%A1fico\\_a\\_partir\\_do\\_document%C3%A1rio\\_Por\\_uma\\_mem%C3%B3ria\\_editorial](https://www.academia.edu/42682765/OS_EDITORES_DE_LIVROS_EM_BELO_HORIZONTE_um_olhar_discursivo_e_autobiogr%C3%A1fico_a_partir_do_document%C3%A1rio_Por_uma_mem%C3%B3ria_editorial) . Acesso em: 12/2023.

MAZZA Edições. Literafro, 2023. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/editoras/1093-mazza-edicoes>. Acesso em: 12/2023.

POR uma memória editorial. Leticia Santana Gomes. Belo Horizonte: Minas Gerais, 2007. Disponível em: <https://vimeo.com/131870182>. Acesso em: 12/2023.

---

### Como referenciar

CASAGRANDE, Lariane; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues: Ausências e apagamentos na historiografia feminina negra e a prática editorial nos anos 1970-1980. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 370-388, ago./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

-----  
DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.82126>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 18/02/2024 | Aceito em 09/05/2024